



14º Seminário de Extensão

A IMPORTÂNCIA DO LÚDICO NA APRENDIZAGEM

Autor(es)

RAYANE PRISCILA RAMALHO GUARNIERI

Orientador(es)

MÁRCIA APARECIDA LIMA VIEIRA

1. Introdução

O Programa “Unimep na Comunidade” é composto por diversos projetos de extensão que são realizados no âmbito local, regional e nacional. Neste ano as atividades foram realizadas em Chapadão do Sul – Mato Grosso do Sul dos dias 13 a 21 de julho, numa parceria com o projeto “Uma semana pra Jesus” da Igreja Metodista que já se encontra em sua 17ª edição. Este Projeto do programa Unimep na Comunidade contou com a participação de 30 integrantes sendo 28 alunos de diversos cursos, uma professora coordenadora, e uma assistente. Na cidade foram desenvolvidos trabalhos dos estudantes da Universidade Metodista de Piracicaba (UNIMEP) referente à “Cultura, Direitos Humanos, Justiça, Educação e Saúde”. As atividades realizadas no município tiveram apoio da Prefeitura e a participação ativa da população. A oficina em questão foi uma adaptação da ideia primária que seria a “Formação de Professores”, para a qual não houve inscritos, por isso readaptamos para trabalharmos com os Monitores do PETI (Programa Erradicação do Trabalho Infantil) Portanto, nessa oficina trabalhamos o tema lúdico, o quanto esse interfere na aprendizagem da criança e do adolescente, levando sempre em conta a cultura regional local, pensando assim em materiais que todos podem ter acesso. O Programa de Erradicação do Trabalho Infantil (PETI) atua especialmente com crianças e adolescentes, menores de 16 anos, que se encontram em situação de vulnerabilidade social. O programa funciona em horário posterior ao horário escolar, as atividades propostas são baseadas na questão lúdica, resgatando nessas crianças/adolescentes expressões de afetos, sentimentos, emoções. A erradicação do trabalho infantil como sabemos, é uma luta, e não é simples, no meio rural vemos as crianças/adolescentes com excessivas cargas horárias, trabalhando na lavoura com agrotóxicos e manejando ferramentas cortantes. No meio urbano, crianças nos semáforos, realizando vendas, vulneráveis a tantas situações que os expõe a perigos. Em conversa com os monitores de Chapadão do Sul- MS, soubemos que a cidade não está imune a nenhum destes problemas.

2. Objetivos

O objetivo deste texto é compartilhar a experiência vivenciada no Curso de Formação de Monitores do PETI – Programa de Erradicação do Trabalho infantil. Nesta atividade buscou-se contribuir para com o trabalho dos monitores, dialogando sobre a abordagem lúdica na educação, e também apresentar sugestões e problematizações sobre o lúdico na educação.

3. Desenvolvimento

Todo o planejamento do trabalho foi embasado na questão lúdica da abordagem sócio histórica desenvolvida por Vygotsky e seus colaboradores, destacando as contribuições da cultura, da interação social e a dimensão histórica do desenvolvimento mental. O lúdico é concebido como uma manifestação cultural da criança em seu cotidiano, inclui jogos, brincadeiras e brinquedos. O jogo se caracteriza por possuir regras, o brinquedo é todo objeto que dá ação a imaginação da criança não necessariamente o que representa na realidade, e a brincadeira é dirigida pela imaginação, ela parte da vontade da criança, sendo a brincadeira que cria para a criança o

que Vygotsky chamou de zona desenvolvimento proximal. A zona de desenvolvimento proximal representa o nível atual de desenvolvimento, determinado pela capacidade de resolver independentemente um problema e o nível de desenvolvimento potencial, determinado através da resolução de um problema, sob a orientação de um adulto, ou de um companheiro mais capaz. Esta noção interliga-se à sensibilidade do professor em relação às necessidades e capacidades da criança e à sua aptidão para utilizar as contingências do meio a fim de dar-lhe a possibilidade de passar do que sabe fazer para o que não sabe. (Vygotsky, 1991). Sendo assim, considera-se que o lúdico nessa proposta de trabalho não é apenas um meio. Este deve ter uma intencionalidade, fazendo parte do processo educativo em diversas áreas. Não podendo ser concebido apenas como um recurso pedagógico, pois ele permite a transposição do universo adulto para o infantil. Podemos dividir o lúdico em duas funções: a primeira é a da diversão, ou seja, função lúdica que é o prazer e o desprazer; a outra é a função educativa se refere ao jogo sendo utilizado como forma de ensino, o indivíduo em seu saber, seus conhecimentos e sua apreensão do mundo. Deve-se ressaltar que mesmo trabalhando a função educativa não se deve esquecer a função lúdica, pois se complementa na questão do “Aprender brincando” e desenvolvem potencialidades no indivíduo. Kishimoto (2001) afirma que: “Ser criança é ter identidade e autonomia, é poder expressar suas emoções, suas necessidades, é formar sua personalidade, é socializar-se em contato com a multiplicidade de atores sociais, é expressar a compreensão do mundo pelas linguagens gestuais, artísticas além de oral e escrita. Ser criança é ter direito à educação, ao brincar, aos amigos ao conhecimento, mas é principalmente, à liberdade de escolha”. (2001, p. 3) Enfatiza-se assim que a criança deve ser percebida como um ser-histórico social que tem características e ritmos próprios e torna-se completa dentro do seu nível de desenvolvimento. Uma citação de um dos nossos grandes poetas cairia muitíssimo bem nessa compreensão, Carlos Drummond de Andrade nos diz “Brincar com criança não é perder tempo, é ganhá-lo; se é triste ver meninos sem escola, mais triste ainda é vê-los, sentados enfileirados, em salas sem ar, com exercícios estéreis, sem valor para a formação do homem” essa citação perdura no questionamento que tanto se dá hoje em dia sobre a questão do lúdico na sala de aula, o lugar ocupado pelo brincar na dinâmica fica restrito muitas vezes, somente no horário do recreio, talvez seja esse o único momento em que a brincadeira infantil seja vista como uma atividade. Pensamos que o ambiente escolar sempre esteve submetido para a preparação para o futuro. Nele é enfatizada a atividade adulta, é possível perceber uma produtividade em excesso, responsabilidade, competição, terrorismo, etc. conseqüentemente o lúdico é excluído do cotidiano escolar. “Primeiro o dever depois o prazer” (Olivier, 2003, p.22). A autora fala que por muito tempo o lúdico foi impedido de entrar na escola, devido a outros afazeres que possuíam maior importância na vida social. Este seria um dos porquês para entendermos o motivo pelo qual o lúdico não é muito usado pelos professores. Deste modo, e função do educador é recuperar a ludicidade das nossas crianças ajudando-as a encontrar um sentido para suas vidas. As crianças aprendem muito ao brincar não só conhecimentos escolares, mas também sobre a vida, visto que o brincar facilita a aprendizagem nos seus mais diversos campos, como a afetividade, a psicomotricidade, a sociabilidade, a solidariedade e cognição, é preciso que o educador “coloque para fora” a criança que há dentro de si, assim ele poderá sentir prazer de brincar junto com as crianças. Para a maioria dos grupos sociais, a brincadeira é consagrada como atividade essencial ao desenvolvimento infantil. Historicamente, ela como lúdico sempre esteve presente na educação infantil, único nível de ensino que a escola deu passaporte livre, aberto à iniciativa, criatividade, inovação por parte dos seus protagonistas (Lucariello, 1995). Com o advento de pesquisas sobre o desenvolvimento humano, observou-se que o ato de brincar conquistou mais espaço, tanto no âmbito familiar, quanto no educacional; no Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (1998), a brincadeira está colocada como um dos princípios fundamentais, defendida como um direito, uma forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças. A brincadeira tem sido forte tema de pesquisa para a psicologia, devido a sua influência no desenvolvimento infantil e pela motivação interna para tal atividade. O brincar tão característico da infância, trás inúmeras vantagens para a constituição da criança, proporcionando a capacitação de uma série de experiências que irão contribuir para o desenvolvimento futuro dela. Lev S. Vygotsky foi um dos pensadores que desenvolveu uma teoria sobre tal tema, ele buscou compreender a origem e o desenvolvimento dos processos psicológicos ao longo da história da espécie humana, sempre pensando na individualidade de cada sujeito, este que está imerso no meio cultural, que o define. Para o autor, o homem constitui-se enquanto ser social necessitando sempre do outro para desenvolver-se. Ao longo de sua obra Vygotsky discute a infância, destacando suas contribuições acerca do papel que o brinquedo desempenha, fazendo referência à sua capacidade de estruturar o funcionamento psíquico da criança, elas utilizam o brinquedo para externar suas emoções, construindo um mundo a seu modo, e dessa forma questionam o mundo dos adultos, a brincadeira infantil é um modo, um meio de se pôr pra fora os medos, as angústias e os problemas que a criança enfrentou, por meio do brinquedo ela revive de maneira ativa tudo o que sofreu de maneira passiva, consentindo relações que seriam proibidas na vida real. O lúdico é muito utilizado em terapias com crianças, para elas o brincar é a coisa mais séria do mundo, é o meio da criança travar conhecimento com o mundo, as atividades possibilitam que as crianças ultrapassem sentimentos e fatos ocorridos em sua vida, eles revivem o ocorrido na brincadeira, por exemplo, na brincadeira de faz de conta, Piaget (1978) afirma que “está intimamente ligada ao símbolo, uma vez que por meio dele, a criança representa ações, pessoas ou objetos, pois estes trazem como temática para essa brincadeira o seu cotidiano (contexto familiar e escolar) de uma forma diferente de brincar com assuntos fictícios, contos de fadas ou personagens de televisão (p.76). Podemos pensar então que a brincadeira de faz de conta dá oportunidade à criança de expressar seu pensamento, facilitando assim o processo terapêutico. Estávamos pautados nos princípios da educação popular do educador Paulo Freire, que diz “ensinar exige disponibilidade para o diálogo” (1996, p. 151). E é justamente através desse diálogo que se dá as alternativas recíprocas do conhecimento, o conhecimento acadêmico com a comunidade, e vice versa, gerando assim um novo conhecimento, beneficiando ambas as partes (Comunidade e Universidade). As atividades nortearam-se com uma metodologia expositiva, dialógica e integralmente participativa. Havendo momentos de elaborações de planejamento e confecções de materiais. E momentos de exposição oral sobre os temas propostos. Na oficina de Formação de Monitores do PETI, trabalhamos desta mesma forma, com momentos de exposição oral sobre o tema

proposto, em outros momentos os monitores reunidos em grupo desenvolveram estudos e propostas de intervenção e apresentaram a sistematização de modo a compartilhar o conhecimento produzido.

4. Resultado e Discussão

Como tivemos problemas com a oficina “Formação de Professores”, e adaptamos a oficina para os Monitores do PETI muitas coisas das quais tínhamos preparado acabou não acontecendo, adaptamos às 20 horas iniciais pra 8 horas, uma oficina que aconteceu em único dia. Os monitores eram de diversas áreas, alguns deles sem uma construção acadêmica, as demandas eram outras, por isso utilizamos uma linguagem mais simplista pra que todos conseguissem captar a mensagem que estávamos querendo passar, a importância do lúdico no desenvolvimento, trabalhávamos com as questões e dúvidas que os participantes traziam, levamos alguns jogos, como por exemplo, o jogo do tabuleiro, construímos esse jogo com o tema “Sustentabilidade” e as oito monitoras presentes jogaram, depois houve um espaço pra discussão acerca do jogo, quais temas poderiam ser abordados, e como construir o jogo. Outras alunas trabalharam com os jogos relacionados com a alfabetização como bingo das letras, jogo da memória. Depois da apresentação dos jogos, foi à vez das participantes divididas em dupla construir jogos, e problematizarem como que o jogo poderia ser trabalhado, qual o incentivo que traria para as crianças e jovens que frequentam o PETI, com que idade seria mais preciso. O resultado deu-se através da oportunidade de termos esse diálogo, através dos sorrisos, dos olhares, dos agradecimentos que foram feitos, com a conscientização de levar o que ali aprenderam para o respectivo local de trabalho, pensando e internalizando a teoria de Vygotsky para quem o aprendizado não se subordina totalmente ao desenvolvimento das estruturas intelectuais da criança, mas um se alimenta do outro, (educando e educador) provocando saltos de nível de conhecimento. Compreendendo assim que devem compreender a infância e fazer com que os indivíduos vivam e sintam o prazer de aprender brincando, assim como nos diz Rousseau (1992:61). “Amai a infância; favorecer seus jogos, seus prazeres seu amável instinto. Quem de vos não se sentiu saudoso, às vezes, dessa idade em que o riso está sempre em paz. Porque arrancar destes pequenos inocente o gozo de um tempo tão curto que lhes escapa, de m bem tão precioso que não se podem abusar”.

5. Considerações Finais

De acordo com a vivência com os monitores do PETI da cidade de Chapadão do Sul – MS pode - se afirmar que para eles o lúdico é de extrema necessidade, já que eles atendem a população em horário contrário ao da escola, por isso trabalham com o lúdico o tempo todo, o jogo, a brincadeira, e o brinquedo. Podendo concluir que através do lúdico são desenvolvidas as atitudes de socialização, de respeito ao próximo, de perdas e ganhos, aceitação do convívio com regras e valores, além de trabalhar sentimentos como a raiva, a frustração, ansiedade, angústia.

Referências Bibliográficas

- VYGOTSKY, L. S. A formação Social da Mente. São Paulo, Martins Fontes. ABERASTURY, Arminda. A criança e seus jogos. Petrópolis: Vozes, 1972.
- PIAGET, J. (1978). A formação do símbolo na criança: imitação jogo e sonho, imagem e representação. Rio de Janeiro: Zahar.
- ANDRADE, Carlos Drummond de. Projetos Pedagógicos Dinâmicos KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e materiais pedagógicos nas escolas infantis. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 27, n. 2, p. 229-245, jul./dez. 2001 Rousseau (1992:61).
- FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.